

O LÚDICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL DA ESEBA (ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA): TRAJETÓRIAS EM EVIDÊNCIA

Flávia Fernandes dos Reis¹

Myrtes Dias da Cunha²

Resumo:

O propósito dessa pesquisa foi investigar como se desenvolvem as atividades lúdicas em uma escola de Educação Infantil que é conhecida em Uberlândia como uma instituição que realiza um trabalho educativo diferenciado, voltado ao lúdico. Os objetivos norteadores do trabalho foram: identificar e descrever os espaços educativos da escola destinados a Educação Infantil; compreender como tais espaços eram organizados pelas professoras e utilizados pelas crianças e analisar como o lúdico aparecia na sala de aula e se este elemento favorecia a construção do conhecimento. Assim, procuramos buscar uma escola que tomasse o lúdico como elemento importante na aprendizagem das crianças. Nesse sentido, observamos e analisamos a relação entre professoras e seus alunos e também o modo pelo qual a ludicidade era inserida no trabalho pedagógico realizado numa turma de primeiro período de Educação Infantil. Na presente investigação observamos vários momentos da rotina escolar das crianças no período de maio a dezembro de 2008, com os respectivos registros em notas de campo e entrevistamos as professoras regentes da turma.

Palavras - chaves: educação infantil, ensino - aprendizagem; cotidiano escolar e lúdico.

THE RECREATION IN THE INFANTILE EDUCATION OF THE ESEBA (SCHOOL OF BASIC EDUCATION OF THE FEDERAL UNIVERSITY OF UBERLÂNDIA): TRAJECTORIES IN EVIDENCE

Abstract

The intention of this research was to investigate as if the develop the activities of recreation in a school of Infantile Education that is know in Uberlândia as an institution that carries through a differentiated educative work, come back the recreation. The objectives that they direct the work had been to identify and to describe the educative spaces of school destined the Infantile Education; to understand as such spaces they were

¹ Flávia Fernandes dos Reis. Graduanda do Curso de Pedagogia, Universidade Federal de Uberlândia, Av. João Naves de Ávila, nº 2121, Campus Santa Mônica, Bloco “G”, CEP: 38408-100. E-mail: flavia_lanna@hotmail.com

² Myrtes Dias da Cunha. Professora Doutora da Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Av. João Naves de Ávila, nº 2121, Campus Santa Mônica, Bloco “G”, CEP: 38408-100. E-mail: myrtesufu@gmail.com

organized by the teachers and used by the children; to analyze as the recreation appeared in the classroom and if this element favored the construction of knowledge. Thus, we look for to search a school that took the recreation as important element in the learning of the children. In this direction, we also observe and analyze the relation between teachers and its pupils and the way for which the recreation was inserted in the carried through pedagogical work in a group of first period of Infantile Education. In this present inquiry we observe some moments of pertaining to school routine of children in the period of May the December of 2008, with the respective registers in field notes and interview the teachers regents of the group.

Key-words: Infantile Education, education- learning; pertaining to school routine and recreation.

Realizamos uma pesquisa de Iniciação Científica com vigência de março de 2008 a fevereiro de 2009, financiada pela FAPEMIG (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais). O propósito desse trabalho foi investigar como se desenvolvem as atividades lúdicas em uma escola que possui a modalidade de Educação Infantil, sendo conhecida em Uberlândia como uma instituição que realiza um trabalho educativo diferenciado, voltado ao lúdico. Dessa forma, no presente artigo discorreremos sobre a estrutura física da escola e algumas situações ocorridas em sala de aula e em outros espaços da escola, retratando um modo de trabalhar com o lúdico e também posicionamentos das professoras de uma turma de 1º período, com crianças da faixa etária entre 4 e 5 anos, em relação à ludicidade.

A nossa pesquisa intitulada: “*Atividades lúdicas em salas de aula de Educação Infantil: limites e possibilidades*” teve como objetivo principal a observação e a análise da dinâmica dos espaços em que as crianças realizavam suas atividades, enfatizando os momentos em que as mesmas brincavam e/ou jogavam. Observamos as crianças, nos seguintes espaços: na sala de aula, na brinquedoteca, no parque, no tanque de areia, na ducha e no lanche, em poucos momentos observamos as crianças fazendo ensaios e apresentações, na sala de vídeo e em momentos de contação de histórias quando todas as 4 turmas de primeiro período da Educação Infantil se reuniam, juntamente com suas professoras, em uma das salas de aula. Para cada dia de observação realizada na escola produzimos uma Nota de Campo, juntamente com as Notas anexávamos materiais produzidos pela professora regente da sala de aula e crianças na sala de aula.

Podemos dizer que a presente pesquisa desenvolveu-se numa perspectiva qualitativa, pois nos preocupávamos em compreender aspectos subjetivos das atividades lúdicas ali realizadas, por isso mesmo nosso trabalho como pesquisadora na escola e na turma selecionada de 1º período foi realizado por meio de observações participantes, ou seja, houve uma relação bem próxima entre os sujeitos envolvidos com a pesquisa (pesquisadora - crianças - professoras).

A escola selecionada para a realização da pesquisa foi a ESEBA (Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia - UFU). Ela foi criada em 1977, inicialmente com o nome de Escola Pré Fundamental Nossa Casinha e tinha como finalidade atender aos filhos de funcionários da UFU na faixa etária entre dois e cinco anos de idade com possibilidade de extensão gradativa até a 8ª série do Ensino Fundamental. A partir do ano de 1988, mediante sorteio para ocupação de vagas, o ingresso de alunos foi estendido a toda comunidade. A regulamentação dessa decisão se deu por meio da Resolução 02/88 de 04 de novembro de 1988, do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFU; nesse período o nome da escola foi alterado para ESEBA (Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia); a entidade mantenedora da instituição é o Ministério da Educação³.

Atualmente, a escola atende crianças de Educação Infantil, a partir de 4 anos de idade, até o 9º ano do Ensino Fundamental. A Educação Infantil é composta pelo 1º período (crianças de 4 e 5 anos) e 2º período (crianças de 5 e 6 anos), sendo que cada período possui quatro turmas, ou seja, quatro salas de aula. No ano de 2008, duas salas do primeiro período receberam dezoito crianças e as outras duas dezenove crianças. A sala em que realizamos a nossa pesquisa tinha dezoito crianças, sendo dez meninos e oito meninas.

As observações das aulas e a produção de Notas de Campo ocorreram sistematicamente de maio a dezembro do ano de 2008, com nossa permanência na escola, em média, dois dias por semana (terças e quintas-feiras), no turno da tarde (13h00min às 17h20min.).

Em relação às professoras, o nosso trabalho se deu inicialmente com a professora regente da sala de aula, Natália⁴, a qual acompanhamos por pouco tempo, pois ela entrou de licença maternidade, sendo substituída por uma outra profissional Eloísa⁵; esta professora permaneceu como regente da sala de aula de junho até o final do ano letivo (dezembro). Acompanhamos também Nívea⁶, a professora da Brinquedoteca.

Quanto ao espaço físico da escola, buscamos caracterizá-lo de forma geral por ter sido parte da observação da nossa pesquisa, já que consideramos a organização espacial importante para a interação e aprendizagem das crianças; esse é formado por um prédio de três andares, sendo que a Educação Infantil se situa em um andar específico, mas que ainda assim não se mostra muito adequado para essa modalidade de ensino, visto que as salas estão de frente para um corredor grande e tal configuração espacial faz com que exista um único canal de circulação entre as salas. Já para o acesso aos demais espaços da escola, por exemplo, lanche, pátio, parque, tanque de areia, ducha, anfiteatro, quadras e biblioteca, algumas localizações ficam distantes uma das

³ Informação dada pela atual Coordenadora da Educação Infantil da ESEBA, Analúcia de Moraes Vieira.

⁴ Natália, nome fictício da professora regente de uma das salas de aula de 1º período, da turma que acompanhamos. Foi a professora que esteve com as crianças de fevereiro a início de junho de 2008, saindo depois em decorrência de licença maternidade.

⁵ Eloísa, nome fictício da professora que substituiu a primeira, permanecendo com essa turma de alunos de junho até dezembro de 2008.

⁶ Nívea, nome fictício da professora regente da Brinquedoteca.

outras. O acesso para esses espaços se dá através de escadas ou rampas, com exceção da Brinquedoteca e Espaço Cultural que se localizam no mesmo corredor das salas de aula.

Assim, constatamos que a estrutura física do prédio não parece ser a mais adequada para a Educação Infantil, embora consideremos a ESEBA uma ótima escola. Por ser uma construção que não privilegia o contato entre as salas, trata-se de um espaço que segue uma padronização de corredores e salas convencionais que não se intercomunicam, um exemplo de comunicação a nosso ver poderia ser, por exemplo, através de varandas que interligassem uma sala a outra. Acreditamos que isso seria uma forma a mais de contribuir para uma melhor socialização entre as crianças.

No espaço externo, ou seja, no pátio, existe uma ducha – que é formada por um cano que contém vários furos, pelos quais saem à água em forma de “chuva”. Neste espaço as crianças usam trajes de banho e podem brincar embaixo da água em dias de calor, com a restrição de que não seja em épocas que estejam com muito vento e que também haja o consentimento dos pais. Durante o ano letivo de 2008, poucas foram as vezes que as crianças utilizaram a ducha, quando usaram algumas crianças gostavam de imitar animais de baixo da água como, por exemplo, sapo ou simplesmente ficar jogando água para cima.

Já o tanque de areia é um espaço que contém areia e possui brinquedos como escorregadores e andaimes. Neles as crianças podem levar brinquedos como baldes e pás, trata-se de um espaço que diferentemente do parque mais convencional, coloca as crianças em contato com a areia e possibilita perceber os diferentes impactos ao descer, por exemplo, do escorregador, além delas poderem (re)inventar o espaço desse tanque, fazendo castelos de areia, comidas de areia, de faz-de-conta.

Ainda há outro espaço do parque onde há brinquedos grandes e conjugados, contendo escorregador e túnel (são dois brinquedos iguais, colocados com certa proximidade um do outro). No local onde ficam os brinquedos, há em volta um carpete verde, semelhante a grama, o que dá um pouco mais de segurança no caso de alguma criança cair. O espaço do parque é satisfatório tendo em vista que atende no máximo a quatro turmas de cada período da Educação Infantil em cada horário. No caso das quatro turmas do primeiro período de Educação Infantil da escola pesquisada, o número máximo é de 72 crianças.

As crianças contam, também, com outros espaços para brincar, sendo eles: o pátio, localizado entre uma das quadras (que são no total de 3); o tanque de areia, um espaço livre que contém areia e brinquedos, no qual as crianças podem utilizar-se dele uma vez por semana, durante uma hora. As crianças, geralmente, aproveitam de todos os espaços para brincar, ainda que seja, por exemplo, o momento do parque. Elas buscam esses outros espaços como um escape para outros tipos de brincadeiras como, por exemplo, para brincar de pega-pega, pique-esconde, entre outros.

No entanto, apesar de a escola não ter sido construída para as crianças da Educação Infantil, trata-se de uma escola em que os espaços analisados são muito bons: limpos e amplos. É também o caso da sala de aula em que realizamos nosso trabalho. Esta, a nosso ver, tem um bom tamanho para as crianças se movimentarem e interagirem umas com as outras; há nesse espaço um armário que ocupa a lateral de uma das paredes da sala, em que uma parte é utilizada para guardar os materiais produzidos pelas crianças e materiais pedagógicos como, por exemplo, lápis de cor, canetinha, gliter etc., sendo uma parte fechada e a outra parte, ainda maior, aberta, sem portas, lugar em que ficam guardados vários brinquedos e jogos com livre acesso para as crianças. No caso de os brinquedos e jogos estarem numa parte mais alta do armário, fora do alcance das crianças, estas pedem ajuda à professora.

Quanto à organização dos espaços, Graves (1996) sugere como estratégias:

Organize a sala em áreas bem definidas que estejam equipadas com materiais que as crianças possam ver e manipular. Ajude as crianças a aprenderem os nomes das áreas, dos materiais e das outras crianças da aula. Reforce o conceito de fazer escolhas em todos os momentos do dia que puder. Finalmente, isto é o mais importante de tudo, recorde-se de que cada criança tem as suas capacidades próprias. (p. 117 - 119).

Percebemos que é muito importante para o desenvolvimento das crianças os brinquedos estarem ao alcance delas, assim como para a socialização entre elas. Acreditamos que a arquitetura da escola e a organização da sala de aula, geralmente, exercem poderes, ainda que ocultos, sobre os usuários, por isso é importante trabalhar os espaços da escola, e em especial o da sala de aula, como um espaço de descobertas e expressões, proporcionando, então, às crianças momentos de criatividade e de aprendizagem. Foi possível observar que as professoras investigadas tiveram essa preocupação de trabalhar o espaço numa perspectiva de (re)inventá-lo. Nesse sentido, Faria (2002) defende que:

As instituições de Educação Infantil deverão ser espaços que garantam o imprevisto (e não a improvisação) e possibilitem o convívio das mais variadas diferenças, apontando para a arbitrariedade das regras, disso resulta o jogo e as brincadeiras serem essenciais nesta fase da vida, permitindo o exercício da contradição, da provisoriidade e da necessidade de transformação (p. 78-79).

Em todos os dias da semana, havia um momento destinado às brincadeiras das crianças, geralmente era o momento de chegada das crianças, o portão da escola era aberto às 12 horas e 50 minutos e, à medida que as crianças fossem chegando à sala de aula, podiam brincar do que quisessem. Às vezes, algumas crianças, em alguns dias, brincavam sem brinquedos, por exemplo, de imitar noiva, no caso das meninas, outras crianças corriam pela sala, simulavam nadar no chão ou na mesa, entre outras brincadeiras. Esse horário durava em média 30 minutos, estendendo-se até 13 horas e 30 minutos.

No decorrer do dia escolar, podiam acontecer outros horários de brincadeiras, com a utilização ou não de brinquedos como, por exemplo, após o lanche para não ir direto para alguma atividade de registro, a

professora deixava as crianças brincarem. Algumas, às vezes, pegavam brinquedos como carrinhos, bonecas, jogos de memória, lego ou preferia simplesmente fazer alguma encenação como imitar noivas, brincar de mãe, pai e filhos. Nos momentos finais da rotina do dia na escola, a professora às vezes propunha também brincadeiras como, por exemplo, cabra-cega, batata-quente, entre outras. Outra forma que a professora regente do 1º período procurava para entrosar as crianças era contar uma história inventada a partir de uma situação presente na sala de aula; as crianças, em geral, participavam desse momento com entusiasmo.

Dessa forma, concordamos com Machado (1996):

O pedagógico não está na atividade em si, mas na postura do educador, uma vez que não é a atividade em si que ensina, mas a possibilidade de interagir, de trocar experiências e partilhar significados é que possibilita às crianças o acesso a novos conhecimentos (p. 8 mimeo).

Em relação aos brinquedos mais procurados na sala de aula pelas crianças, estavam o lego, jogo da memória e quebra-cabeças. Com o lego, as crianças, em especial os meninos, gostavam de montar armas, simular lutas; alguns brincavam sozinhos, outros, em pequenos grupos. As meninas, geralmente, com o lego encaixavam as peças, comparando tamanhos. Uma das situações vivenciadas na sala de aula pode ser observada na nota de campo a seguir:

Duas crianças (meninos) montaram uma arma para cada um com lego e com essa arma de faz-de-conta apontaram para outras crianças, inclusive para nós (pesquisadoras) dizendo: - “Vou te matar!” Eles faziam barulho com a boca imitando tiros. Em certo momento da brincadeira um dos meninos apontou para o outro que estava brincando com ele e este disse: - “Nós não, somos amigos!” (Nota de campo nº 3 – 27/05/2008).

Diante da nota de campo relatada acima e as brincadeiras com armas, simulações de lutas, a professora demonstrava não aprovar, mas, desde que ela não percebesse agressão, não impedia tais tipos de brincadeiras. Essa era uma das brincadeiras de que os meninos mais gostavam.

A relação entre as professoras, tanto a regente da sala de aula quanto a da Brinquedoteca com as crianças, era muito boa, cada uma, ao seu modo, transmitia às crianças a sensação de segurança, de que o espaço da escola era delas também. As brincadeiras eram quase todas permitidas, salvo quando havia alguma atividade que estivesse programada, como, por exemplo, a atividade de registro. Não havia uma rigidez para que as crianças devessem fazer de tal modo e não de outro. A professora as orientava, mas permitia que as particularidades, desejos e espontaneidade se manifestassem, não existindo o certo ou errado. Havia uma grande atenção ao que as crianças produziam ou diziam; isso foi algo muito presente nessa turma de alunos. Um dos momentos está registrado na nota de campo abaixo:

Às 13h30min, ao som de músicas de cantiga de roda, a professora colocou em cada mesa (são cinco mesas ao todo) um joguinho com várias peças dizendo para as crianças construírem castelos. As crianças fizeram além de castelos, casas, prédios e aeroporto. As crianças dividiram um tanto de peças para cada uma. Nas mesas tinham de três a quatro crianças. Teve

crianças que juntaram as suas pecinhas para fazer algo maior como, por exemplo, no caso do aeroporto, as crianças o construíram coletivamente, algumas apontavam até a saída de emergência (Nota de campo nº 10 – 19/06/2008).

Assim, tendo em vista saber o significado do lúdico para as professoras regentes da sala de aula, realizamos entrevista com a professora Natália, já de volta da licença maternidade, e com a professora Eloísa.

A professora Natália, em entrevista, quando perguntada sobre o lúdico no trabalho realizado e como avaliava este de um ponto de vista em que o lúdico se apresenta como uma preocupação, responde:

Vou dividir basicamente em dois pontos: formação e atuação.

Em relação à formação, particularmente, acho que a nossa formação (Pedagogia) é falha por causa da academia também, no nosso caso não tem nenhuma disciplina que contemple o trabalho com o lúdico.

Os estudos sobre o lúdico foram em busca da formação continuada, leitura de livros. Acho fundamental que tenha uma disciplina que aborde a arte e educação com o aspecto lúdico. Acaba ficando muito só na mão do professor. É claro que depende do professor, mas precisa atentar mais, ou seja, é importante na graduação trabalhar mais o aspecto do lúdico. Se o curso já atentasse para isso tinha chegado à escola mais preparada.

Quanto à atuação, procuro falar de forma lúdica com as crianças, por exemplo, na hora de guardar os brinquedos faço uma brincadeira com rima: “Atenção, tá na hora da arrumação, o último a sentar na cadeira é a mulher do sapo”. Trata-se de brincadeiras que atentam para a organização.

Pelas leituras realizadas, se levar de um jeito divertido consegue mais resultados, isso é uma condução do aspecto lúdico para a sala de aula.

Nas atividades propostas, por exemplo, é importante trabalhar noções de quantidade, numerais, leitura e escrita. Procuro trabalhar de forma lúdica, por exemplo, contar coleguinhas é importante para não perder os alunos. Tem uma justificativa do porque das atividades que vou fazer. Introduzo contando, por exemplo, os alunos, o calendário. Se tiver prazer, ou seja, momentos que dê prazer é mais fácil trabalhar. Relacionar o calendário com a data de aniversário, assim, procuro propor atividades que a criança vai gostar de ver e fazer. Procuro propor leitura e escrita de um jeito prazeroso.

Acredito, que ainda tem uma certa confusão, teoricamente falando, do que é considerado lúdico, porque apesar de saber que o lúdico está relacionado ao prazer de fazer alguma coisa, entusiasmo, a escola esbarra em questões que acha importante para as crianças, por exemplo, durante a semana na minha rotina – não é prática de todos os professores – organizo os brinquedos da seguinte forma: na chegada mudo os tipos de brinquedos oferecidos as crianças. Cada dia da semana eu os recebo com um tipo de brinquedo diferente, por exemplo:

- Na segunda: brinquedo de sala – boneca, carrinho, panelinha, telefones, instrumentos musicais, entre outros.
- No outro dia: recebo com jogos e acontece, às vezes, de alguma (s) criança (s) não querer jogar, querer outro brinquedo, carrinho, boneca. Essas propostas são para desenvolver habilidades, raciocínios lógicos, regras.
- Em outro dia da semana: coloco massinha. Acontece às vezes a mesma coisa, resistência. Daí a confusão do lúdico em si. Acho que até para não enjoar, tem que ter uma rotatividade, mas não forço o que a criança não quer, até pelo o que acredito.
- Em outro dia recebo com música, danças. Um ou outro burla porque não é uma “camisa de força”.
- Outro dia: é o brinquedo de casa, as crianças trazem para socializar com os colegas, quem não traz é livre para pegar os brinquedos que quiser na instante. Procuro um jeito mais lúdico de falar com as crianças.

Outros exemplos são: a caixa mágica (ajudante do dia); caixa surpresa (quando quer dar algum presente, por exemplo).

Na hora da atividade em si (atividades de registro), utilizo de jogos, bingos (reconhecimento de letras, quantidade e numeral). Assim, procuro através de bingos de letras, palavras, trabalhar, dentro disso, o reconhecimento, identificação e coordenação motora. As atividades de registro em folha sempre estão relacionadas a algo vivido pelas crianças, por exemplo, uma história, uma música, um jogo, uma brincadeira, passeio, filme, entre outros.

Um dos momentos que acontece em sala de aula, por exemplo, é o momento do descanso, em que conto histórias, jogo cheirinho de perfume, fragrâncias bom ar, tudo de um jeito lúdico, apesar de o conceito lúdico depender do ponto de vista. No meu ponto de vista, eu tento manter um diálogo com as crianças, é claro que a gente é humano e sai do lúdico, mas o lúdico também é coisa séria (Entrevista realizada no dia 28/11/2008).

A professora Eloísa também demonstrou grande interesse em ter no elemento lúdico um suporte para as suas aulas; o seu viés era mais voltado para explorar, ou melhor, permitir às crianças que explorassem o corpo, os movimentos. O recurso por ela mais utilizado foi a musicalidade; toda semana ela levava para a sala de aula o seu próprio som, trazido de casa, e colocava músicas de cantiga de roda e, às vezes, dependendo do grau de agitação das crianças, ela colocava músicas instrumentais.

Ao colocar as músicas, ela procurava de alguma forma dar significado para poder trabalhar alguma atividade de registro ou inventar histórias a partir de algum trecho de músicas que as crianças sempre pediam “bis”, ela também dançava com as crianças, era um momento de muita interação e proximidade entre ela com todas as crianças; dificilmente as crianças deixavam de participar desse momento, ao contrário elas adoravam, sendo

este também um momento de questionar a professora por alguma palavra desconhecida. A curiosidade era um elemento que, por vezes, se somava a esses momentos.

Assim como para a professora Natália, também fizemos as mesmas perguntas à Eloísa: a respeito do que ela tinha a dizer sobre o lúdico e como se deu a presença deste no trabalho realizado. Ela nos respondeu o seguinte:

Esse ano comecei a aprender, compreender o que é lúdico, porque em sala de aula com crianças nessa faixa etária foi minha primeira experiência. Quando se trabalha de maneira lúdica o interesse deles é maior.

Aprendi mais com as oficinas e destaco o *Chico dos bonecos*, mas também teve outras professoras do município que ministraram oficinas e que aprendi muito.

Um elemento muito importante que acho que acrescenta no lúdico é a música, porque trabalha o corpo, o movimento, é um instrumento muito bom.

Avalio o trabalho como sendo muito bom, aprendi muito com a Natália e também vendo a prática de outras professoras, pude perceber o quanto é diferente as professoras que tem uma postura mais leve, mais prazerosa em relação a outras.

O lúdico para mim se faz muito presente nas preocupações com o planejamento, a entonação da voz, contato físico, calor humano, carinho, respeito, olho no olho, caras e bocas (Entrevista realizada no dia 05/12/2008).

É possível perceber que as professoras regentes da sala de aula em que a pesquisa foi desenvolvida, buscaram o elemento lúdico e o consideraram como um aliado importante para o processo de ensino-aprendizagem. Até o presente momento, caracterizamos, de forma geral, o espaço físico da escola e destacamos parte do trabalho desenvolvido com as professoras regentes da sala de aula. Destacaremos outro espaço por nós observado e do qual acompanhamos essa turma de crianças do 1º período que foi a Brinquedoteca.

A Brinquedoteca faz parte de um projeto de ensino educativo diferenciado, criado em 1996 quando da Reforma do Currículo Infantil da escola, é o espaço oferecido para brincar e experimentar, este possui muitos recursos tais como brinquedos, jogos, fantasias diversas, utensílios domésticos, móveis, televisão, DVD, entre outros, com isso expandem as possibilidades de utilização dos brinquedos e até mesmo de incorporar um personagem. Esse espaço deixa, de certa forma, implícita a ideia de que se pode transcender a imaginação, ou seja, os momentos são transformados para que as crianças possam experimentar as situações que quiserem, assim, as mesmas tomam a Brinquedoteca como um universo mágico, de fantasias. Há nesse espaço, de certa forma, a transmissão de segurança e ao mesmo tempo de liberdade; as crianças podem circular livremente por ele e manipular quaisquer objetos que queiram.

Dessa forma, concordamos com Huizinga (2001) no que diz a respeito ao jogo, a cultura e a ludicidade. Segundo ele:

Nossa definição do jogo impõe uma nítida distinção entre o puerilismo e a ludicidade. Os brinquedos das crianças não são pueris no sentido pejorativo em que este termo é aqui tomado. Além disso, se o puerilismo atual fosse autenticamente lúdico o resultado seria o regresso da civilização às grandes formas arcaicas de diversão, nas quais se verificava uma união perfeita

entre o ritual, o estilo e a dignidade. O espetáculo de uma sociedade caminhando rapidamente a passo de ganso para a escravidão prenuncia para muitos a alvorada de um novo milênio, mas penso que esses estão enganados. (...) Cada vez mais fortemente se nos impõe a triste conclusão de que o elemento lúdico da cultura se encontra em decadência desde o século XVIII, época em que florescia plenamente. O autentico jogo desapareceu da civilização atual, e mesmo onde ele parece ainda estar presente trata-se de um falso jogo, de modo tal que se torna cada vez mais difícil dizer onde acaba o jogo e começa o não-jogo (p. 229).

As crianças, em muitas situações de brincadeira, representam o cuidado com a família e a importância do trabalho, o que reflete, de certa forma, o cotidiano delas, vivências do seu dia-a-dia, tal como demonstra a nota de campo que segue abaixo:

Na Brinquedoteca, dois meninos brincam de serem construtores, eles vão para o trabalho, pegam suas ferramentas e com o martelo batem em uma casa de brinquedo, é como se estivessem realmente construindo ou concertando algo. Um desses meninos simula voltar para a casa para cuidar de sua filha que também é mãe de um bebê (boneca). Ele prepara comida para a sua filha na cozinha da brinquedoteca e sua filha prepara comida para o seu bebê (Nota de campo nº 19 -19/08/2008).

Para as crianças, a nosso ver, é ainda mais perceptível a importância desse espaço, visto que elas são os verdadeiros atores e que ali elas podem brincar o quanto quiserem – dentro da carga horária que cada turma possui que é de 50 minutos, uma vez por semana – fazendo-se presente as particularidades de cada uma, de cada grupo que se forma e a formação de grupos são iniciativas delas próprias que fazem e desfazem no momento que quiserem, da mesma forma que mudam de brincadeiras espontaneamente, buscando por outros brinquedos e algumas vezes por outras fantasias.

Pensando na brincadeira humana dentro de um contexto social e cultural, Brougère (2004) diz que:

É preciso, efetivamente, romper com o mito da brincadeira natural. A criança está inserida, desde o seu nascimento, num contexto social e seus comportamentos estão impregnados por essa imersão inevitável. Não existe na criança uma brincadeira natural. A brincadeira é um processo de relações interindividuais, portanto de cultura. É preciso partir dos elementos que ela vai encontrar em seu ambiente imediato, em parte estruturado por seu meio, para se adaptar às suas capacidades. A brincadeira pressupõe uma aprendizagem social. Aprende-se a brincar. A brincadeira não é inata, pelo menos nas formas que ela adquire junto ao homem. A criança pequena é iniciada na brincadeira por pessoas que cuidam dela, particularmente sua mãe. Não tem sentido afirmar que uma criança de poucos dias, ou de algumas semanas, brinca por iniciativa própria. É o adulto que, como destacava Wallon, por metáfora, batizou de brincadeira todos os comportamentos de descoberta da criança. Porém, é certo que os adultos brincam com a criança. A criança entra progressivamente na brincadeira do adulto, de quem ela é inicialmente o brinquedo, o espectador ativo e, depois, o real parceiro. Ela é introduzida no espaço e no tempo particulares ao jogo. Além, dessa iniciação, seus comportamentos se originam, antes de mais nada, nas descobertas. Ao querer chamar de brincadeira o conjunto da atividade juvenil, perdermos a própria especificidade desse comportamento (p. 97 e 98).

Nessa perspectiva, acreditamos que o ambiente deve desafiar, exigir e estimular o raciocínio da criança. Ao/À professor/a cabe a responsabilidade de aproveitar o ambiente/ espaço rico de recursos pedagógicos e elementos lúdicos e se não dispõe de uma riqueza evidente em tal espaço, então, transformar o mesmo

diariamente, assim propor, por exemplo, atividades lúdicas como brincadeiras, jogos e a manipulação de brinquedos. É preciso permitir que as espontaneidades das crianças afluam, aproveitando e valorizando a todo instante da criatividade demonstrada pelas mesmas.

De acordo com Friedmann (1996):

Brincadeira refere-se basicamente, à ação de brincar, ao comportamento espontâneo que resulta de uma atividade não-estruturada; jogo é compreendido como uma brincadeira que envolve regras; brinquedo é utilizado para designar o sentido de objeto de brincar; atividade lúdica abrange, de forma mais ampla, os conceitos anteriores (p. 12).

Sendo assim, esse primeiro ano de pesquisa nos possibilitou identificar elementos do lúdico na sala de aula e em outros espaços da Educação Infantil da escola. Cada professora o percebia e principalmente trabalhou de uma forma diferente da outra, não no sentido geral, mas em algumas particularidades pessoais. Foi possível constatar que a ludicidade é um fator de atenção na Educação Infantil da ESEBA e trabalhado pelas professoras com as crianças, de maneira que é uma concepção que permeia o processo de ensino e aprendizagem.

O lúdico é inserido diariamente na rotina educativa e, neste sentido, a questão de alfabetizar está presente, mas de forma mais descontraída, assim, o trabalho realizado permeou recursos didáticos diversos - músicas, conversas, contações de história, entre outros; em relação às atividades de registro, essas eram sempre colocadas, pelas próprias crianças, no varal como forma de valorizar os trabalhos realizados. Os momentos em sala de aula eram, dessa forma, quase sempre prazerosos e convidativos, de modo a manipular objetos, expor curiosidades, ou seja, eram dadas condições para que ocorresse uma aprendizagem significativa para as crianças.

Referências bibliográficas:

- BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**/ Gilles Brougère; revisão técnica e versão brasileira adaptada por Gisela Wajskop. – 5ª. ed. – São Paulo, Cortez, 2004. – (Coleção Questões da Nossa Época; v. 43).
- FARIA, Ana Lúcia Goulart de. **Educação Pré - escolar e cultura: para uma pedagogia da educação infantil**. 2ª ed., Campinas, SP: Ed Unicamp: São Paulo: Cortez, 2002 (Coleção Teses).
- FRIEDMANN, Adriana. **Brincar: crescer e aprender – o resgate do jogo infantil**. São Paulo: Moderna, 1996.
- GRAVES, M. O planejamento feito pelas crianças: porque é importante e como começar. In: BRICKMAN, A. N.; TAYLOR, S. L. **Aprendizagem ativa**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**: O jogo como elemento da cultura. Tradução: João Paulo Monteiro. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

MACHADO, Maria Lúcia de A. “**Educação infantil e currículo: A especificidade do projeto educacional e pedagógico para creches e pré-escolas**”. Trabalho apresentado na XIX Reunião Anual da Anped. Caxambu, setembro 1996.